

A MEMÓRIA DISCURSIVA DO TEMA TRABALHO

Abstract

This paper aims to explore the concept of discursive memory and its articulation to the theme LABOR. Concerning to this theme, it will be evaluate in wich way some therms, from one discourse formation to anoher, modify the relationchip with ideological formation causing social, historical and ideological changes to language.

Palavras-chave: discurso; memória; história; trabalhismo.

Os estudos relacionados à Análise do Discurso atribuem grande importância à análise de como a História se faz materialmente presente, enquanto memória, no discurso. A inscrição da historicidade na linguagem dá-se por meio de processos discursivos que perpetuam e cristalizam a memória de uma época.

Esses processos estão na base das relações interdiscursivas que constituem os discursos. A análise dos seus efeitos permite a leitura da inter-relação entre textos e a leitura da História que se inscreve nesses textos. Para exemplificar, analisemos um desses processos: a possibilidade de mudança de sentido de uma palavra ao passar de uma formação discursiva para outra, uma vez que modifica-se a relação com a formação ideológica. Examinemos termos relacionados à idéia de trabalho.

A palavra trabalho tem sua origem no latim: *Tripalium*: instrumento de tortura composto de três paus. Da idéia de sofrer, passou-se à de esforçar-se, lutar¹.

Opus, eris é no latim a designação dada para “trabalho de uma máquina”, “matéria a que dedicamos o nosso esforço”, ou ainda “maneira como uma obra se executa”. *Operarius* é uma classe, “aquele que tem uma arte ou ofício”.²

Proletário, do latim *proletariu*, é “o cidadão da última classe e isento de impostos”; “indivíduo pobre”. O dicionário Aurélio³ indica o termo como “homem de nível de vida relativamente baixo, e cujo sustento depende da remuneração recebida pelo trabalho que exerce em ofício ou profissão manual ou mecânica”. Solicita que confrontemos com *campônês*, *operário* e *trabalhador*.

A interdiscursividade constitui a língua colocando-a em funcionamento. Cada um dos termos que abordamos guardam traços de sua origem etimológica. Mas, na verdade, ao interpretarmos ou utilizarmos essas palavras não é a memória etimológica que resgatamos, e sim a memória discursiva (Maingueneau, 1993:115) que nos permite recuperar as relações enunciativas e históricas que vêm à superfície pelo funcionamento da língua. Assim, consideramos que são os lugares em que a palavra esteve presente, ou seja as formações discursivas e ideológicas que a cercam, que determinam a sua relação de valor semântico com outras palavras em um determinado momento.

Os termos *trabalhador*, *operário* e *proletário* oferecem-nos um bom exemplo de como o valor semântico dessas palavras acentua-se conforme a formação discursiva e ideológica na qual se inserem.

O fim do trabalho escravo, a conseqüente vinda do imigrante, a industrialização, são os fatores que inserem no Brasil o *operário*, o *trabalhador*. Os dois termos estão introduzidos na formação discursiva do início do século que ideologicamente prega o ideal libertário anarquista. O operário ou trabalhador identifica-se, nesse momento, com o imigrante oprimido que é sempre incitado a revoltar-se contra a situação a que está submetido. Veja dois exemplos. O primeiro foi extraído do romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma* de Lima Barreto; no fragmento o narrador apresenta as classes sociais do início do século.

¹ Trabalhar- [Do lat. vulg. *tripaliare, ‘martirizar com o tripaliu’ (instrumento de tortura), atr. de uma f.*trebalhar]. In: FERREIRA, A.B.H. Novo Dicionário Aurélio, RJ, Nova Fronteira.

² Informações extraídas do Dicionário Português Latino de Francisco Torrinha

³ FERREIRA, A.B.H. Novo Dicionário Aurélio. R.J., Nova Fronteira.

“Há pelas ruas damas elegantes, com sedas e brocados, evitando a custo que a lama ou o pó lhes empanem o brilho do vestido; há operários de tamancos; há peralvilhos à última moda; há mulheres de chita; e assim pela tarde, quando essa gente volta do trabalho ou do passeio, a mescla se faz numa mesma rua, num quarteirão, e quase sempre o mais bem posto não é que entra na melhor casa.” (Lima Barreto, 1983:74)

Neste outro exemplo, extraído do jornal *Aurora Social*, a designação de ‘trabalhador’ vincula-se ao empregado das fábricas, que no início do século, tocado pelo movimento anarquista, deve se conscientizar da exploração que sofre.

O adulator

Conhece-o, companheiro? É um desgraçado que se esqueceu de que é homem e transformou-se em cão.

Não tem uma palavra para os poderosos que não seja de submissão, nem um ato prático que não seja servil.

É odiado pelos companheiros, a quem prejudica em benefício dos patrões, é desprezado por estes, que o reconhecem indigno.

Não tem vontade, não tem honra nem dignidade de homem. As injustiças e os insultos dos patrões não o revoltam, nem o fazem corar, porque não têm brio.

Nunca será capaz, ainda mesmo que tenha de descer a uma infâmia, de desobedecer às ordens do mestre.

É pior que a besta, porque esta às vezes se insubordina contra a vontade e a tirania do domínio.

Já viste em uma oficina o *trabalhador* que, ao chegar o mestre ou o patrão, logo dele se acerca para argüi-lo do estado de sua saúde? (O.A. *Aurora Social* -PE-, ano I, no 11 - 1 out.1901. In: Prado, Hardman, 1985)

A organização dos operários em sindicato-partidário, a partir de 1930, acrescenta o termo proletariado à classe de operários e trabalhadores. No romance *Parque Industrial* (1933) o operário é aquele que compreende a exploração capitalista e já não é incitado unicamente a revoltar-se, mas a organizar-se em um ‘força operária’, representada por um ‘Partido dos Trabalhadores’, por não mais suportar viver uma ‘vida proletária’. É interessante ressaltarmos que várias vezes no romance de Pagu encontramos o termo proletário como qualificador (setores proletários, cores proletárias, militante proletária alemã, oradores proletários).

Saem para o almoço das onze e meia. Desembrulham depressa os embrulhos. Pão com carne e banana. Algumas esfarelam na boca um ovo duro.

Três negrinhas lêem no “Braz Jornal”, a página do namorados.

Na grade ajardinada um grupo de homens e mulheres procura uma sombra. Discutem. Há uma menina calorosa. As outras fazem-lhe perguntas.

Um rapazinho se espanta. Ninguém nunca lhe dissera que era um explorado.

- Rosinha, você pode me dizer o que a gente deve fazer?

Rosinha Lituana explica o mecanismo da exploração capitalista.

- O dono da fábrica rouba de cada *operário* o maior pedaço do dia de trabalho. É assim que enriquece a nossa custa!

- Quem foi que te disse isso?

- Você não enxerga? Não vê os automóveis dos que não trabalham e a nossa miséria?

- Você quer que eu arrebente o automóvel dele?

- Se você fizer isso sozinho irá para a cadeia e o patrão continuará passeando noutro automóvel. Mas felizmente existe um partido, o *partido dos trabalhadores*, que é quem dirige a luta para fazer a revolução social.

- Os tenentes?

- Não. Os tenentes são fascistas.

- Então o que?

- O Partido Comunista...

Novamente as ruas se tingem de cores *proletárias*. É a saída da Fábrica. (Galvão, 1994:21)

No fragmento a seguir, a análise do termo *proletarizar* mostra-nos um novo traço semântico que se acrescenta a *proletário*. No caso, é desfazer-se dos bens materiais e valores burgueses, para aderir à causa dos trabalhadores. Assim ser proletário é um pouco mais que ser operário ou trabalhador. Na formação discursiva que expressa o ideal comunista, ser operário já não significa apenas ser um trabalhador que se revolta com a situação, como o operário anarquista, mas, nesta nova formação discursiva, o operário é um proletário quando ele organiza-se amparado por um sindicato-partidário.

- Um ano de luta, Otávia! Dá pra muito proletário se desiludir da colaboração com a burguesia. Compreender a luta de classes. Diversos intelectuais foram expulsos, daqui; outros entraram. Você conhece um. Saiu definitivamente da burguesia. O Alfredo... Está transformado. Mas custou a perder os desvios... E o gosto pelo Hotel Esplanada. Olha ele aí!

- Já sei...

- Otávia...você!

Abraça-a indizivelmente.

- Se *proletarizou* mesmo?

- Deixei duas vacas...a burguesia e Eleonora...

Alfredo Rocha ri sadiamente mal vestido.

- Me conte o seu exílio... (Galvão, 1994: 85)

Dessa forma, observa-se que a análise do arquivo denuncia marcas implícitas da construção da luta pela emancipação trabalhista. O emprego dos termos trabalhador, operário e proletário traz ao discurso informações dos acontecimentos histórico-sociais e acentua a luta operária. Observe:

“Otávia explica que a burguesia é a mesma em toda parte. Em toda parte, manda a polícia matar os operários...”

Alexandre ri. A sua voz imensa intervém:

- Matam os *operários*, mas o *proletariado* não morre! (Galvão, 1994:90)

Assim, consideramos que a memória discursiva permite-nos resgatar a História que fica gravada no discurso. Acompanhar as mudanças na formação

discursiva e ideológica, possibilita-nos compreender as modificações sociais, históricas e ideológicas que edificaram os primórdios da história do Trabalho no Brasil.

Referências Bibliográficas

GALVÃO, P. *Parque Industrial*. 3ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto / São Paulo: Edufscar, 1994.

LIMA BARRETO, A. H. *Triste fim do Policarpo Quaresma*. São Paulo: Ática, 1983.

MAINGUENEAU, D. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. 2ª ed. Campinas, SP: Pontes: Editora da Unicamp, 1993.

PRADO, A.A., HARDMAN, F.F. (orgs.) *Contos Anarquistas*. São Paulo: Brasiliense, 1985.